

Feminismo, nacionalismo, e a luta pelo significado do adé no Candomblé: ou, como Edison Carneiro e Ruth Landes inverteram o curso da história

J. Lorand Matory

Universidade de Harvard, EUA

RESUMO: Durante os anos de 1930 e 1940, Edison Carneiro, Arthur Ramos e Ruth Landes se encontraram no Candomblé, e por meio do seu diálogo – às vezes antagônico, às vezes amoroso –, transformaram essa religião. Carneiro empregou o Candomblé como um símbolo do Nordeste, Ramos o empregou como um símbolo do Brasil, e Landes, como um símbolo do feminismo internacional. O debate sobre o significado do Candomblé não foi meramente acadêmico, mas estabeleceu um novo padrão de gênero na liderança dos templos da Bahia. Ao contrário da história convencional, o Candomblé, uma religião que dava espaço igual a sacerdotes masculinos e femininos nos anos de 1930, se transformou, pela primeira vez nas décadas depois do encontro de Ramos, Carneiro e Landes, num matriarcado. No plano teórico e transcultural, este caso mostra que a imaginação das comunidades – inclusive a do Estado-nação – é um processo transnacional. A identidade nacional resulta não apenas da interação entre famílias de nações, mas também da luta entre comunidades superpostas pela autoridade de definir certos símbolos compartilhados – como o sacerdote adé, o homossexual. Esta interação pode mudar as vidas humanas e mesmo o curso da história.

PALAVRAS-CHAVE: Candomblé, gênero, homossexualidade, nacionalismo, transnacionalismo, Ruth Landes, Edison Carneiro, Arthur Ramos, adé.

Durante os anos de 1930 e 1940, Edison Carneiro, Arthur Ramos e Ruth Landes se encontraram no Candomblé, e, por meio do seu diálogo – às vezes antagônico, às vezes amoroso –, transformaram essa religião. Carneiro empregou o Candomblé como um símbolo do Nordeste, Ramos o empregou como um símbolo do Brasil, e Landes, como um símbolo do feminismo internacional. O debate sobre o significado do Candomblé não foi meramente acadêmico, mas estabeleceu um novo padrão de gênero na liderança dos templos da Bahia. Ao contrário da história convencional, o Candomblé, uma religião que dava espaço igual a sacerdotes masculinos e femininos nos anos de 1930, tornou-se, pela primeira vez nas décadas depois do encontro de Ramos, Carneiro e Landes, um matriarcado.¹

Pretendo, com esta exposição, não somente revelar uma série de fatos históricos até agora escondidos, mas também esboçar uma teoria da interação e o olhar entre nações que geram ou transformam a identidade nacional – ou seja, a transnacionalidade do nacionalismo. Um diálogo literal entre um brasileiro e uma americana ilustra esta interação e os seus efeitos. Este diálogo constitui uma luta pelo significado do adé de Candomblé e é o foco dramático deste artigo.

O Candomblé é uma religião afro-brasileira de divinação, sacrifício, cura, música, dança, e possessão espiritual. Os devotos atribuem poderes milagrosos e defeitos exemplares a entidades chamadas “orixás”, “voduns”, “inquices”, e “caboclos”, segundo a “nação”, ou denominação, do templo. As aventuras, personalidades e parentesco dessas entidades super-humanas povoam uma mitologia extensa e um corpo de sabedoria oracular, que também explicam as personalidades e destinos dos seus devotos humanos, bem como as relações mundanas entre eles. Pelos sacrifícios de sangue e cerimônias elaboradas de possessão espiritual, os devotos pedem a intervenção dos deuses para melhorar suas vidas e afastar os seus inimigos visíveis e invisíveis.

O *adé* de Candomblé e o olhar da nação

Há um personagem que é igualmente importante no universo sagrado e simbólico do Candomblé. A proliferação léxica que diz respeito a ele reflete a sua importância central no imaginário sagrado e político do Candomblé, no Brasil, e nas várias comunidades transnacionais que adotaram o Candomblé como símbolo-chave. Às vezes, ele se chama *enxoto*, *entendido*, *travesti*, *biba*, *bicha*, e até *tricha*. No Candomblé especificamente, se chama *adé*. Tem corpo de homem, mas se supõe que adora o papel do seu sexo biológico na cama com outros homens. Do meu ponto de vista negro norte-americano, eu o imagino como o “*nigger*” do Brasil e do matriarcado famoso do Candomblé: personifica o anti-tipo do cidadão legítimo.

Como seus membros, muitos observadores do Candomblé supõem que quase todos os rodantes e, conseqüentemente, os chefes de casa machos são *adés*. Peter Fry (1986) explica este fenômeno em termos da associação, através das culturas, entre a liminaridade e o poder mágico. Leão Teixeira (1987) observa que certas divindades do Candomblé mostram uma ambigüidade de gênero que fornece um modelo exemplar para os devotos que sentem ter essa mesma ambigüidade. O meu argumento anterior (Matory, 2003) não é central a este artigo, mas necessariamente segue, em forma abreviada.

O meu argumento teórico central é que, como as outras comunidades imaginadas (Anderson, 1991[1983]), os estados-nações não são imaginados autonomamente. Os seus cidadãos as imaginam no contexto de contraste e hierarquia transnacional. Imaginam-se entre uma série, ou família, de nações. Por exemplo, os grupos dominantes dos Estados Unidos se imaginam como herdeiros da superioridade racial européia, mas liberados da velhice moribunda do Velho Continente. A Inglaterra serve como fonte da legitimidade política do Estado, enquanto a França

regionais, nacionais, e transnacionais, e da luta entre elas acerca de um segredo aberto – o segredo do adé de candomblé.

A pedra de toque nos debates sobre o significado do Candomblé e das comunidades que a religião unifica é um personagem cultural que é tanto normal entre os sacerdotes quanto é antagônico segundo a visão normativa do Estado-nação – o adé, ou “homossexual passivo”. O sacerdote adé, assim como as suas contrapartidas na Santeria cubana e no Vodou haitiano, é visto como normal e eminentemente respeitável pela maioria dos devotos, embora tenha sido, a partir dos anos 30, desprezado por uma aliança de estudiosos nacionalistas ou feministas como um desvio da tradição.

O título de Ruth Landes, *A cidade das mulheres* (1947), promoveu a noção de que só as mulheres são dignas de servir aos deuses iorubas, ou nagôs, do Brasil. Além da nação Nagô (que, hoje em dia, se chama também Queto), havia outras nações no Candomblé na época de Landes, e perduram no presente. Por exemplo, a nação Jeje, inspirada pelos povos Ewe, Gen, Aja, e Fon da África Ocidental, a nação Angola, e um corpo crescente de sacerdotes que adoram os espíritos indígenas, ou caboclos. Landes contribuiu com sua voz para uma tradição que privilegiava a nação Nagô/Queto com base na sua alegada “pureza Africana” e, por isso, a sua autenticidade única. Ela reforçou ainda a alegação de que a nação Nagô/Queto conferia a liderança sacerdotal exclusivamente às mulheres. Então, para Landes e os seus numerosos fãs norte-americanos, o Candomblé nagô/queto de Salvador da Bahia pareceu um exemplar brilhante do matriarcado no mundo real. Por isso, Landes nomeou o Candomblé a sua cidade-matriz “A Cidade das Mulheres”.

Porém, a pesquisa de Landes incomodou os nacionalistas brasileiros por duas razões – a questão da cor e da sexualidade. Primeiro, num país ambivalente no que diz respeito à sua negritude demográfica e cultural,

serve como fonte cultural e racial do vocabulário da crítica subalterna e cultural. No Brasil, os Estados Unidos servem como fonte da ratificação das propostas “modernizantes” da burguesia. Frequentemente ouve-se frases como: “Nos Estados Unidos se faz isso e aquilo.” Os Estados Unidos também servem como prova de que o Brasil não tem problemas raciais suficientes que justifiquem as possíveis queixas das vítimas. Nessa perspectiva, é o país da “democracia racial” de Gilberto Freyre.

Este ensaio trata de um dos vários casos em que a antropologia norte-americana explora e dá uma impressão falsa da sociedade brasileira no processo de reconstituir a auto-imagem dos Estados Unidos. Como em toda dinâmica familiar, esse processo de auto-representação com referência a outras nações tem um efeito em todas as sociedades tocadas pelo processo. Para resumir, a imaginação das comunidades nacionais é um processo transnacional. A identidade nacional é produzida não apenas a partir da interação entre famílias de nações, mas também da luta entre comunidades superpostas e suas disputas pela autoridade de definir certos símbolos compartilhados.

Uma conta didática

Esta história trata do encontro de influências mútuas entre os portavozes de várias comunidades imaginadas superpostas. As comunidades superpostas em jogo são a comunidade imaginada da Bahia – cujo porta-voz nesta conversa transnacional era Edison Carneiro; a comunidade imaginada da nação brasileira – cujo porta-voz era Arthur Ramos; e a comunidade imaginada feminista internacional – cuja porta-voz era Ruth Landes. Concentro-me no diálogo entre Carneiro e Landes. Trata-se de um conto de uma transformação mútua entre tais comunidades

ela estudou o Candomblé. Mas como uma aluna do antropólogo e relativista cultural Franz Boas, ela estudou a religião afro-brasileira não como um defeito racial para ser escondido, mas como prova da riqueza da herança transnacional da África e, de maior importância, como prova da possibilidade de igualdade para as mulheres em todo o mundo.

Contudo, como Margaret Mead em Samoa, Landes havia silenciado ou torcido a evidência disponível. Por exemplo, para explicar o número significativo de sacerdotes homens chefiando casas na época da sua visita, Landes considerou que não importavam tanto porque estavam violando a “tradição africana”, e isso por causa dos seus alegados problemas psicológicos pessoais e da alegada impropriedade ritual das mulheres que, segundo Landes, recentemente haviam começado a iniciá-los.

Landes associou esta impropriedade principalmente com uma variante da religião nagô na qual se adoravam os caboclos. Mas sendo que uma sacerdotisa da nação nagô fundou o culto ao caboclo, que os deuses nagôs ficaram preeminentes mesmo nas casas onde se adoravam os caboclos, e que quase todo templo nagô também adorava caboclo, a separação categórica que Landes demarcou entre os templos matriarcais nagôs e os templos patriarcais caboclos parece *a priori* e inconsistente com as declarações dos chefes de templo (Matory, 2005, p. 188-223).

De fato, através de todas as nações, incluindo as nações supostamente tradicionais, Jeje e Nagô, a liderança masculina no Candomblé era um fenômeno antigo. Por toda parte do século XIX, havia muito mais pais-de-santo que mães-de-santo na Bahia, e os homens eram comuns mesmo no sacerdócio das nações Nagô e Jeje. Na verdade, segundo Butler (1998, p. 193), durante a época de Landes a novidade era o aumento na liderança *feminina*. Mesmo na liderança das casas tradicionalmente vistas como a matriz da nação Queto/Nagô – ou seja, na Casa Branca, Gantois e Axé Opô Afonjá –, a evidência pelo monopólio feminino é ambígua. Por exemplo, apesar de que a narrativa de hoje não

deixe dúvidas de que Mãe Aninha fundou Opô Afonjá e foi sua primeira chefe, Edison Carneiro escreveu em *Os candomblés da Bahia* (1986[1948]) que Pai Joaquim era o primeiro chefe de Opô Afonjá. Ainda durante os anos 30, segundo Mariza Corrêa (2000), havia mais pais que mães-de-santo. Não obstante, a partir da publicação do trabalho de Landes, as porta-vozes da superioridade jeje-nagô acabaram proclamando em coro: “no Candomblé, as mulheres representam o ‘sexo escolhido’”, como a Bíblia proclama os judeus o “povo escolhido”.

Não foi a “tradição africana” que gerou o princípio do matriarcado nem a proeminência demográfica das mulheres. Entre os cultos aos orixás iorubanos, o mais influente nas práticas rituais do Candomblé é o culto a Xangô, antigo rei do império de Oyo e deus do relâmpago. Na África ocidental, o chefe do seu sacerdócio é o rei de Oyo. Quando o palácio de Oyo controlava o processo de iniciação no culto de Xangô em todas as localidades africanas, uma delegada do título Iya Naso administrava o culto. Na contrapartida africana dos rodantes brasileiros, há mais mulheres, mas um número quase igual de homens. Porém, os rodantes masculinos se vestem de mulher ou, melhor dito, de esposa do orixá. Hoje em dia, nos sacerdócios locais, é, na minha experiência, sempre um homem que governa a comunidade de rodantes. A proeminência de liderança masculina prevalece também em Cuba, Trindade, Haiti, e no Centro-Sul do Brasil. Somente no Brasil se acha este discurso do matriarcado.

E quem criou o discurso e o seu resultado demográfico no sacerdócio do Candomblé foi Ruth Landes. O modelo interpretativo de Landes mudou as idéias e o comportamento dos apoiadores burgueses do Candomblé, e, por consequência, as condições da reprodução do Candomblé na sociedade brasileira. O mecanismo deste processo era a autoconsciência transnacional das nações territoriais.

Além da verdade, a maior vítima desta “luta pela posseção do signo” (Hebdige, 1979; Matory, 2005[1994]) era o adé do Candomblé – o anti-herói da nação territorial e do matriarcado sacerdotal de Landes. O “ar-gumento de imagens” (Fernandez, 1986) na *Cidade das mulheres* harmoniza com as lógicas importadas dos nacionalismos europeus e norte-americano. Como George Mosse (1985) mostra, a homofobia é um acessório comum do nacionalismo. O outro acessório comum é uma nostalgia falsa. Numa combinação das duas coisas, Landes declarou ser a presença dos adés uma corrupção recente. Landes os chamou de “homossexuais passivos”, inaugurando a tradição acadêmica de declarar os adés, e consequentemente quase todos os pais-de-santo, um tipo de doente naturalmente alheio a toda tradição cultural legítima. Porém, como Landes reportou, a identidade sexual dos adés não incomodava os outros sacerdotes ou devotos do Candomblé. Como sacerdotes, esses homens eram, observou Landes, “apoiados e mesmo adorados por esses homens normais dos quais eles haviam antes sido objetos de piadas e derrição” (Landes, 1947, p. 37; 1940, p. 393).

Porém, a revelação destas questões sexuais por Landes incomodou seus colegas brasileiros, mesmo aqueles que gostavam da publicidade que Landes deu à importância demográfica e cultural do negro no Brasil. Afinados aos padrões transnacionais da respeitabilidade nacional, converteram o adé num segredo nacional (viz Herzfeld, 1997). Etnólogo e nacionalista, Arthur Ramos negou a idéia de que o Candomblé era um matriarcado e negou igualmente a presença homossexual. Acima disso, ao castigar Landes pela sua revelação apócrifa, colaborou com o antropólogo norte-americano Melville J. Herskovits para acabar com a carreira dela (Matory, 2005, p. 196).

Mas o efeito da intervenção de Landes perdurou. Se alguém tem dúvida, revisamos a sua amizade com o jornalista e folclorista influente:

Edison Carneiro (pelo menos no seu caráter intelectual). Ainda que Carneiro tenha sido no início o guia de Landes, as suas atitudes – ou, pelo menos, seu discurso público – sobre os adés mudou extraordinariamente pelo curso do seu diálogo intercontinental com Landes. Em 1936, antes da permanência de Landes na Bahia, Carneiro escreveu o seguinte: “Na Bahia, essas sacerdotisas são chamadas filhas-de-santo. Antigamente (e mesmo hoje), os homens podiam ser filhos-de-santo também, sendo de notar que deviam dançar, nas grandes festas, vestidos de mulher” (Carneiro, 1991[1936], p. 56; também pp. 58, 60, 91). Em toda parte dessa publicação de 1936, ele descreve mães e pais-de-santo se responsabilizando pelos mesmos devidos rituais, e fazendo-o com uma legitimidade igual e com respeito igual do público.

No meio da sua relação profissional e pessoal com Landes, ela o cita referindo-se a uma série de idéias e sentimentos sutilmente diferentes, que ainda parecem intitular homens “anormais” a um papel respeitado e lindo no sacerdócio de possessão. Por exemplo, estas palavras de Carneiro aparecem em 1947:

Às vezes diz-se que a sacerdotisa é a esposa de um deus e às vezes que é o seu cavalo. O deus aconselha e faz exigências, mas em geral, apenas cavalga e se diverte. Assim, você pode compreender por que as sacerdotisas exercem grande influência entre o povo. São as intermediárias dos deuses. Mas nenhum homem direito deixaria que um deus o cavalgasse, a menos que não se importe de perder a sua virilidade... Aqui é que está o busilis. Alguns homens se deixam cavalgar e tornam-se sacerdotes ao lado das mulheres; mas sabe-se que são homossexuais. Nos templos, vestem saias e copiam os modos das mulheres e dançam como as mulheres. Às vezes tem melhor aparência do que elas (Carneiro *apud* Landes, 1947, p. 37; Landes, 1967, p. 44).

Contudo, evidentemente envergonhado pelo olhar patologizante desta poderosa visitante transnacional, Carneiro corrigiria – dentro de alguns poucos anos – sua velha posição e terminaria todo equivocado. Não se pode dizer com certeza se era uma mudança verdadeira de coração ou se foi para inglês ver – ou seria “para Americana ver” – mas o fato de que Carneiro tenha apresentado a sua primeira revogação completa no *Journal of American Folklore* (uma revista norte-americana) e num artigo emparelhado com outro de Landes talvez revele o motivo e a origem desta mudança.

Pelo curso da sua amizade, Landes mudou o pensamento de Carneiro ou, pelo menos, fez com que ele enfrentasse a cultura homofóbica transnacional da respeitabilidade nacionalista. Lembre-se que Carneiro declarou ao público brasileiro que o sacerdócio masculino originou-se “antigamente” e continuava ainda na época da sua amizade com Landes. Mais tarde, em 1940, acabou dizendo ao público norte-americano quase o oposto:

Parece que antigamente o candomblé era negócio de mulheres... A subida das mulheres data da introdução dos candomblés na Bahia, com o estabelecimento da casa Nagô do Engenho Velho na faixa de 1830... Em contraste a tantas ‘mães’, sabemos da existência de poucos ‘pais’, como Bamboxe e ‘Tio’ Joaquim... Apesar da importância superior das mulheres no candomblé, hoje o número de ‘pais’ e ‘mães’ é igual (Carneiro, 1940, p. 272).

Deste modo, Carneiro literalmente inverteu o curso da história que havia narrado antes da sua amizade com Landes. Esta publicação norte-americana é a primeira em que ele ataca os sacerdotes masculinos, condenando-os por “entregar-se à homossexualidade, onde assumem o papel passivo, caindo no mexerico pequeno das mulheres de baixa classe”

(Carneiro, 1940, p. 273). Nesta publicação norte-americana, Carneiro descreve a opinião pública sobre os sacerdotes “homossexuais” assim: “a crítica é sempre mais venenosa sobre os ‘pais’ que sobre as ‘mães’, qualificando-os de insinceros, desonestos e maus” (*ibid.*).

A condenação dos adés por Carneiro supera a de Landes, como o zelo de um novo convertido. Uma década depois da sua colaboração com Landes, e depois das duas maiores publicações no assunto por Landes (em 1940 e 1947); Carneiro finalmente veio a condenar o adé frente ao público brasileiro. Com a sua região e seus amigos religiosos sob a luz do holofote internacional, Carneiro escreveu o seu *Candomblés da Bahia* (1948), que resgatou a reputação do Candomblé supostamente autêntico com a declaração falsa de que o sacerdócio era, no passado, exclusivamente feminino. Seguindo Landes, estabeleceu o dogma canônico entre muitos estudiosos – e até muitos praticantes hoje – que os pais-de-santo são unicamente desonrados, que sua importância demográfica é recente, e, por isso, que não são representantes legítimos do folclore autêntico do Nordeste ou do Brasil. Enfim, cinquenta anos depois da publicação de *Cidade das Mulheres* (1947) e de *Candomblés da Bahia* (1948), a maioria dos chefes de terreiro na Bahia é atualmente feminina. E afirmo que a Bahia é o único lugar no mundo Afro-Atlântico onde este fenômeno se pode observar.

Conclusão

Como etnógrafo, não pretendo lamentar esta inversão do curso da história: é um processo normal na sociedade viva. Apenas pretendo ilustrar neste processo social a importância das viagens e dos estudos transnacionais na concepção de si das nações territoriais e na imaginação coletiva dessas comunidades e de outras comunidades regionais (como a

Bahia e o Nordeste) ou transnacionais (como a irmandade internacional das mulheres). Vale também notar o papel dos estudiosos transnacionais – como Arthur de Gobineau, W.E.B. Du Bois, Ruth Landes, Gilberto Freyre, Carlos Hasenbalg e outros – em reformas revolucionárias na imaginação de comunidades nacionais. Também vale notar que as imagens das convenções de gênero alheias são pedras de toque comuns nestas invenções da identidade nacional. Margaret Mead, Ruth Landes e Edison Carneiro também se destacam como exemplares deste fenômeno.

O diálogo Carneiro-Landes mudou profundamente um dos símbolos mais importantes da identidade brasileira – o Candomblé – como o diálogo que comparou a raça nos EUA com as hierarquias de cor no Brasil continua mudando a sociedade brasileira. Vale a pena acrescentar que é um diálogo desigual, e que as conferências, como a que inspirou esta intervenção – pagas por instituições brasileiras – ajudam a nivelar o campo de discurso para o nosso benefício mútuo.

Notas

- ¹ Este ensaio traduz, em forma abreviada, e amplifica o argumento publicado originalmente em Matory (2005, p. 188-223 e 2003). Agradeço ao Professor Vagner Gonçalves da Silva por resgatar a língua de Camões dos meus erros gramaticais. Afirmo que todos os erros remanescentes são meus.

Bibliografia

- ANDERSON, Benedict
1991[1983] *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, rev. ed., London, Verso.
- BUTLER, Kim
1998 *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition Sao Paulo and Salvador*, New Brunswick, NJ, Rutgers University Press. ,
- CARNEIRO, Edison
1940 "The Structure of African Cults in Bahia", *Journal of American Folk-Lore*, 53: 271-278.
1986[1948] *Candomblés da Bahia*, 7.ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
1991 *Religiões Negras e Negros Bantos*, 3.ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira [editado previamente como *Religiões Negras*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936; e *Negros Bantos*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937].
- CORRÊA, Mariza
2000 "O Mistérios dos Orixás e das bonecas: raça e gênero na antropologia brasileira", *Etnográfica*, 4: 245. *
- FERNANDEZ, James W.
1986 *Persuasions and Performance: The Play of Tropes in Culture*, Bloomington, Indiana University Press.
- FRY, Peter
1986 "Male Homosexuality and Spirit Possession in Brazil", *Journal of Homosexuality*, 11(3-4):137-153.
- HEBDIGE, Dick
1979 *Subculture: The Meaning of Style*, London/New York, Methuen.
- HERZFELD, Michael
1997 *Cultural Intimacy*, New York, Routledge.

- LANDES, Ruth
1940 "A Cult Matriarchate and Male Homosexuality", *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 35: 386-397.
1947 *The City of Women*, New York, Macmillan.
1967 *Cidade das Mulheres*, trad. Maria Lucia do Eirado Silva, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- LEAO TEIXEIRA, Maria Lina
1987 "Lorogun-Identities sexuais e poder no candomblé", in MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (ed.), *Candomblé: desvendando identidades*, São Paulo, EMW, pp. 33-52.
- MATORY, J. Lorand
2003 "Gendered Agendas: the Secrets Scholars Keep about Yoruba-Atlantic Religion", *Gender and History*, 15(3): 408-438.
2005 *Black Atlantic Religion: Tradition, Transnationalism, and Matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé*, Princeton, NJ/Oxford, Princeton University Press.
2005[1994] *Sex and the Empire that is no more: Gender and the Politics of Metaphor in Oyo Yoruba Religion*, 2.ed., New York/Oxford, Berghahn Books.
- MOSSE, George
1985 *Nationalism and Sexuality*, Madison, University of Wisconsin Press.

Revista de Antropologia

Publicação do Departamento de Antropologia
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Volume 51 n° 1

SÃO PAULO
janeiro-junho 2008

Revista de Antropologia

Fundada por Egon Schaden em 1953
Editor Responsável: Márcio Ferreira da Silva

Comissão Editorial

Márcio Ferreira da Silva; Heloísa Buarque de Almeida; Rose Satiko Gitiirana Hikiji

Conselho Editorial

†David Maybury-Lewis (Harvard University, EUA); Eduardo Viveiros de Castro (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ); Fernando Giobelina Brumana (Universidad de Cádiz); Joanna Overing (The London School of Economics and Political Science, Inglaterra); Julio César Melatti (Universidade de Brasília, DF); Klaas Woortmann (Universidade de Brasília, DF); Lourdes Gonçalves Furtado (Museu Paraense Emílio Goeldi, PA); Marisa G. S. Peirano (Universidade de Brasília, DF); Mariza Corrêa (Unicamp, SP); Moacir Palmeira (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ); †Roberto Cardoso de Oliveira (Unicamp, SP); Roberto Kant de Lima (Universidade Federal Fluminense, RJ); Ruben George Oliven (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS); Simone Dreyfus Gamelon (École de Hautes Études en Sciences Sociales, França); Terence Turner (University of Chicago, EUA)

Secretária

Soraya Gebara

Equipe Técnica

Editoração eletrônica: Guilherme Rodrigues Neto

Revisão: Thomaz Kawauche

Capa: Ettore Bottini

Os artigos serão aceitos para publicação após análise, pela Comissão Editorial, de sua adequação ao formato e à linha editorial da Revista e avaliação do conteúdo por dois pareceristas externos.

Esta revista é indexada pelo *Índice de Ciências Sociais* – IUPERJ/RJ –, pela *Ulrich's International Periodicals Directory*, pela *Hispanic American Periodicals Index*.